

## Avaliação linguística de verbos existenciais por funchalenses cultos a partir de árvore de distâncias mínimas

*Linguistic evaluation of existential verbs by cultured Funchal residents from the minimum distance tree*

Rakel Beserra de MACÊDO 

Universidade Estadual do Ceará  
Secretaria da Educação do Ceará  
Fortaleza, Brasil  
[rakelbeserra@gmail.com](mailto:rakelbeserra@gmail.com)

Aluiza Alves de ARAÚJO 

Universidade Estadual do Ceará  
Fortaleza, Brasil  
[aluiza.araujo@uece.br](mailto:aluiza.araujo@uece.br)

Aline Maria Pinguinha França BAZENGA 

Universidade da Madeira  
Funchal, Ilha da Madeira, Portugal  
[alinebazenga@gmail.com](mailto:alinebazenga@gmail.com)

**Resumo:** Este trabalho estuda a variação dos verbos existenciais *ter*, *haver* e *existir* no falar culto de Funchal, Ilha da Madeira, à luz da sociolinguística variacionista (Labov, 2008; Weinreich; Labov; Herzog, 2006), com orientações de Campbell-Kibler (2009, 2010), Oushiro (2021a) e Sene (2019), sobre as percepções e atitudes na sociolinguística, além de Oushiro (2019a), Silverstein (2003) e Eckert (2008), para o uso de árvores de distâncias mínimas. Os dados são oriundos de um teste *on-line* aplicado a funchalenses entre 2021 e 2022, criado na plataforma *Qualtrics*<sup>®</sup>. A árvore de distâncias mínimas foi elaborada a partir de correlações estatísticas geradas com base no arquivo de dados oriundo do teste aplicado e criado a partir de algumas características selecionadas pelos participantes no teste. Como

resultados, o teste mostra que o verbo *ter* está muito próximo dos adjetivos *pessoa vilão/rústica, metida, mal educada e trabalhadora*, estando o uso deste verbo relacionado com o uso descuidado da linguagem ou de falta de domínio da língua; o verbo *existir* está na mesma linha que o verbo *ter*, mas, mais distante; contudo, *existir* está mais próximo dos adjetivos *pessoa confiante, conservadora, sofisticada, trabalhadora e religiosa*; já o verbo *haver* se encontra bastante distante de *ter* e *existir*, estando próximo dos adjetivos *articulada e branca*. Podemos concluir que este estudo mostra que, de um modo geral, os participantes funchalenses relacionam o verbo *ter* com a informalidade junto a *existir* em relação a *haver*; assim, *haver* é considerado formal e *ter* é considerado informal.

**Palavras-chave:** Árvore de distâncias mínimas; Percepções e atitudes linguísticas; Sociolinguística Variacionista; Fala culta; Português europeu.

**Abstract:** This study examines the variation of the existential verbs *ter*, *haver*, and *existir* in the formal speech of Funchal, Madeira Island, in light of variationist sociolinguistics (Labov, 2008; Weinreich; Labov; Herzog, 2006) with guidance from Campbell-Kibler (2009, 2010), Oushiro (2021a) and Sene (2019) on perceptions and attitudes in sociolinguistics, as well as Oushiro (2019a), Silverstein (2003) and Eckert (2008) on the use of minimum distance trees. The data comes from an online test administered to residents of Funchal between 2021 and 2022, created on the Qualtrics® platform. The minimum distance tree was developed from statistical correlations generated based on the data file from the test administered and created from some characteristics selected by the test participants. As a result, the test shows that the verb *ter* is very close to the adjectives *villainous/rustic, stuck-up, rude* and *hard-working*, with the use of this verb being related to careless use of language or lack of command of the language; the verb *existir* is in the same line as the verb *ter*, but further away; however, *existir* is closer to the adjectives *confident, conservative, sophisticated, hard-working* and *religious*; the verb *haver* is quite distant from *ter* and *existir*, being close to the adjectives *articulate* and *white*. We can conclude that this study shows that, in general, participants from Funchal relate the verb *ter* to informality, along with *existir* in relation to *haver*; thus, *haver* is considered formal and *ter* is considered informal.

**Keywords:** Minimum distance tree; Linguistic perceptions and attitudes; Variationist sociolinguistics; Cultured speech; European Portuguese.

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa aborda a avaliação linguística dos verbos existenciais *ter*, *haver* e *existir* no português culto de Funchal. Para isso, utilizamo-nos dos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística laboviana, a

partir de dados de análise de crenças e atitudes linguísticas da comunidade de fala culta funchalense, coletados em questionários *on-line*.

Toda língua possui níveis e tipos de variação e o português não seria diferente (Mateus, 2005; Mateus; Cardeira, 2007). Como *variedades nacionais*, a língua portuguesa possui o português europeu e o português brasileiro (doravante PE e PB) e, dentro dessas *variedades*, há os vários *dialetos*<sup>1</sup> (regionais) e *socioletos* (sociais) que integram diversas formas linguísticas não normalizadas, contidas nas diversas comunidades de fala (Mateus, 2005; Mateus; Cardeira, 2007). Dessa forma, como nos esclarece Segura (2013b), *variedade* e *dialeto* podem ser tidos como termos equânimes; contudo, *dialeto* tem sido substituído por *variedade* (Segura, 2013b, p. 85), especialmente, para que possamos distinguir perspectivas sociolinguísticas de dialetológicas da variação linguística.

Deste modo, as línguas podem ser consideradas, nas palavras de Weinreich (1954, p. 390), como um complexo *sistema de sistemas* ou como um complexo “*diassistema*”, marcado por distintas gramáticas de uso, incluindo variáveis linguísticas e sociais. No caso da língua portuguesa, abrangendo não só variedades nacionais — PE e PB —, como diversas outras variedades de diferentes continentes, como as do português falado em alguns países africanos colonizados pelos portugueses (Português Africano), além de uma grande diversidade de formas minoritárias em uso em vários pontos do mundo.

O PE contempla especificidades geográficas, especificamente as das suas variedades regionais e insulares, faladas nas Ilhas Atlânticas, nomeadamente nos Arquipélagos dos Açores e da Madeira. Estas variedades insulares, como afirma Cunha e Cintra (2008, p. 31), constituem “um prolongamento dos dialetos portugueses continentais.”, um grupo dialetal diverso de outros dois grupos, o grupo dos dialetos setentrionais e o grupo dos dialetos centro-meridionais, como explicam e corroboram Brissos, Gillier e Saramago (2016), Cunha e Cintra (2008), Pereira (2014) e Segura (2013b, 2013a). Segundo esses autores, as variedades insulares

---

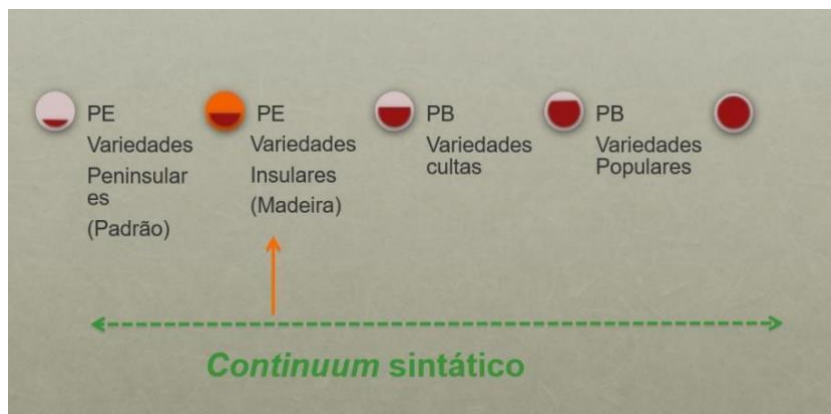
<sup>1</sup> Compreendemos dialeto como o grupo de marcas linguísticas de natureza morfossintática, semântico-lexical e fonético-fonológica, exclusivo de uma comunidade que faz parte de uma comunidade maior de usuários da mesma língua.

apresentam características singulares no conjunto de variedades dentro do PE.

Algumas pesquisas, como as apresentadas por Bazenga e Antunes (2015) e por Callou e Avelar (2012), têm verificado *traços* comuns entre as variedades do português – excluindo o PE continental - traços esses que se distanciam da variedade lusitana. Esses traços em comum são evidenciados em fenômenos de variação linguística que ajudam a noticiar as mudanças pelas quais ainda vêm passando as variedades da língua portuguesa.

Alguns fenômenos variáveis permitem a Bazenga e Antunes (2015) conceberem um *continuum* sintático de distanciamento relativamente ao PE continental, como podemos visualizar na Figura 1:

Figura 1 – *Continuum* sintático de variedades do português atlântico (PE e PB), conforme Bazenga e Antunes (2015)



Fonte: Bazenga e Antunes (2015, p. 42).

Bazenga e Antunes (2015) sintetizaram, na Figura 1, resultados de pesquisas variacionistas sobre três variedades do português, a saber, o PE continental, PE insular e o PB. Neste caso, pesquisas relacionadas aos fenômenos da concordância verbal, construções existenciais e construções pronominais (Bazenga, 2015, 2019, 2022; Bazenga; Antunes, 2015; Vianna, 2011; Vieira; Bazenga, 2013).

Ainda a partir da Figura 1, podemos constatar um *continuum* sintático de variantes inovadoras da língua portuguesa. Da esquerda para a direita, vemos as variedades peninsulares do PE, seguindo em aumento de uso das variantes não padrão nas variedades insulares (Madeira) do PE, crescendo novamente nas variedades cultas do PB e, por fim, mais uso de

variantes inovadoras nas variedades populares do PB, que podem atingir a produção de usos semicategóricos.

Conforme Segura (2013b),

Os dialetos falados nos arquipélagos dos Açores e da Madeira apresentam um conjunto de traços próprios [...] que não se encontram nos dialetos continentais, ou que estes estão esporádica ou parcamente representados [...] (Segura, 2013b, p. 105).

Dessa maneira, sabemos que diversas particularidades sintáticas da língua portuguesa são observadas em variedades do PB e não no PE continental.<sup>2</sup>

O fenômeno variável dos verbos existenciais ocorre quando os verbos *haver*, *ter* e *existir* podem ser intercambiáveis entre si no sentido estrito de existência, como nos excertos (01) a (03), extraídos do *Corpus Sociolinguístico do Funchal - CSF* (Bazenga, 2010).

- (01) [...] abril e foi \_ e fui porque na altura ehh havia pouca gente e \_ o o presidente do núcleo [...] (FNC10\_HA3) (destaque nosso);
- (02) [...] que têm passado mais dificuldades é o que teve mais primeiros-ministros e ministros durante estes anos todos\_ será [...] (FNC10\_HB3) (destaque nosso);
- (03) [...] a ver com a burocracia tantas vezes excessiva ehh que existe no nosso país ehh mas isto esta dificuldade com [...] (FNC10\_HC3) (destaque nosso).

Na língua portuguesa, o verbo *haver* é o verbo existencial canônico e padrão no Português Europeu (PE), mas, no Português do Brasil (PB), seu uso na fala é menos frequente, ficando mais restrito à modalidade escrita e a contextos formais. Quanto a *ter*, originalmente um verbo de posse, expandiu sua funcionalidade para o sentido existencial e se configura a variante dominante e preferencial no PB falado, enquanto no PE, seu uso existencial é considerado não padrão e ocorre quase exclusivamente em variedades insulares (Madeira e Açores). Já *existir*, diferente de *haver* e *ter*, que são frequentemente impessoais nessas construções, o verbo *existir* é

<sup>2</sup> Uma dessas particularidades é o baixo uso variável de *ter existencial* no PE continental.

pleno, intransitivo e pessoal (concorda com o sujeito) e é usado quando se quer enfatizar a "existência real" ou física de algo ou alguém (Andrade, 2014; Bazenga, 2019; Viana, 2023).

Dito isso, é preciso aprofundar o conhecimento sobre as variedades insulares do PE. Nessa perspectiva, elencamos, dentre os fenômenos variáveis na língua portuguesa aqueles que são apontados como diferenciadores de variedades lusófonas, o uso intercambiável dos verbos *ter*, *haver* e *existir* para expressarem sentido<sup>3</sup> de existência.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O pesquisador sociolinguista desenvolve sua metodologia com base em suas pesquisas e em sua perspectiva empirista da ciência, composta por técnicas quantitativas aplicadas ao estudo da variação e da mudança linguística. Segundo Labov, o pai da sociolinguística variacionista ou quantitativa, as experiências diárias das pessoas afetavam a vida da sociedade e, conseqüentemente, o uso que faziam da língua. Portanto, não podemos pensar uma teoria sociolinguista sem pensar na pessoa de Labov e no tempo e espaço nos quais essa subárea foi desenvolvida.

A Teoria da Variação e Mudança Linguística (Labov, 2006, 2008, 2010; Weinreich; Labov; Herzog, 2006) busca analisar, de forma empírica, a influência de fatores linguísticos e sociais nos diversos fenômenos de *variação linguística*. Esta proposta vem romper com alguns procedimentos intuitivos de análise da variação da língua, marcando a “relevância dos mecanismos internos, para equacioná-la [variação] a uma teoria da linguagem, e a mecanismos externos, para equacioná-la a uma teoria da sociedade” (Camacho, 2013, p. 105, destaques do autor).

Como não seria possível analisar a língua sem as questões referentes à sociedade, Labov (2008) sintetiza o objeto da Sociolinguística como o estudo da língua falada no contexto social no qual está inserido, ou seja, partindo da comunidade linguística, ou comunidade de fala, compreendida como o conjunto de indivíduos que, afora interagirem verbalmente,

---

<sup>3</sup> Nesta pesquisa, utilizaremos a palavra *sentido* como sinônimo de *significado*, *contexto* ou *valor* expresso pelos verbos.

também compartilham de um conjunto de normas relativas aos usos de sua língua. Admite-se, assim, que a língua é, por si só, um fenômeno acima de tudo social, estabelecendo-se o pressuposto de que uma determinada variação não pode ser estudada fora da comunidade em que ela ocorre, visto que a língua resulta de um conjunto de forças internas e externas à estrutura em si.

Partindo da premissa de estudar a variação linguística em uma comunidade de fala, decidimos analisar a fala de pessoas cultas — indivíduos com nível superior completo — nascidas e residentes no Funchal, Ilha da Madeira, território que também foi colonizado por Portugal, no século XV, época em que o país europeu levou sua língua e cultura além-mar.

Abordando o PE insular, pesquisadores sociolinguistas (Bazenga, 2015, 2022; Bazenga e Antunes, 2015; Gouveia, 2019; Rodrigues, L., 2018; Vianna, 2011; Vieira; Bazenga, 2013) vêm verificando mudanças linguísticas únicas na língua falada nessas comunidades insulares, para além da observação de similaridades e diferenças em vários fenômenos com outras comunidades de fala da língua lusitana.

Assim, procuramos, neste trabalho, verificar avaliações sobre uma dessas várias características linguísticas — a variação dos verbos existenciais — na comunidade de fala Funchal, especificamente, em falantes cultos nativos da capital madeirense, ou seja, pessoas nascidas, criadas e residentes na cidade de Funchal.

A cidade portuguesa do Funchal está situada na ilha da Madeira, que integra o Arquipélago da Madeira, distante 1.077 km de Portugal.<sup>4</sup> A Ilha da Madeira é uma Região Autónoma da República Portuguesa desde 1976 e compreende um arquipélago composto de oito ilhas. Seu território total resulta em 801,1 km<sup>2</sup>, sendo dividido entre: a ilha da Madeira; ilha do Porto Santo; as ilhas Desertas — três ilhas desabitadas — e as ilhas Selvagens, um conjunto de duas ilhas e dezesseis ilhotas, sem habitantes. Assim, apenas as duas maiores ilhas, a ilha da Madeira e a ilha de Porto Santo, são habitadas e possuem acesso marítimo e aéreo, sendo, o acesso aéreo — apenas

---

<sup>4</sup> Distância calculada em: <http://www.distanciasidades.com/distancia-portugal-madeira-28349.html>. Acesso em: 27 out. 2022.

possível a partir da década de 1960 —, a principal via de entrada e saída das ilhas.

A Região Autónoma da Madeira (doravante RAM) subdivide-se em 11 concelhos ou municípios, que são: Calheta, Câmara de Lobos, Funchal, Machico, Ponta do Sol, Porto Moniz, Ribeira Brava, Santa Cruz, Santana e São Vicente, na Madeira; e, a Vila Baleira, em Porto Santo, que sozinha compreende um único município ou concelho.

A cidade de Funchal, capital da RAM, possui 10 freguesias ou *bairros*: a de Imaculado Coração de Maria, do Monte, de Santa Luzia, de Santa Maria Maior, de Santo António, de São Gonçalo, de São Martinho, de São Pedro, de São Roque e a freguesia da Sé, área principal do município, correspondendo ao *bairro central* do Funchal.

Importante o leitor saber que a RAM é uma região que recebe uma grande população estrangeira — somente, na capital, se concentra 51,14% dessa comunidade estrangeira residente na ilha, composta por 24,5% de venezuelanos; 14,2% de ingleses, 9,5% de brasileiros e 6,6% de alemães, segundo o censo de 2021<sup>5</sup> — e além disso, toda a Região da Madeira é conhecida por um recente decréscimo populacional; no entanto, após anos de sucessivos decréscimos, a RAM volta a registar aumento populacional, embora tímido, correspondente a uma taxa de crescimento efetivo positiva, de 2,2 em 2022.<sup>6</sup>

De toda a população da RAM, somente o Funchal concentrava, em 2022, 42,02% da população (106.429 habitantes), com uma densidade populacional de 1.396,3 hab./km<sup>2</sup><sup>7</sup>, devido ao Funchal ser a cidade mais

---

<sup>5</sup> Fonte: Instituto Nacional de Estatística. Disponível em: <https://estatistica.madeira.gov.pt/download-now/social/popcondsoc-pt/popcondsoc-censos-pt/popcondsoc-censos-noticias-pt/3720-09-12-2022-drem-divulga-mais-informacao-sobre-os-resultados-definitivos-dos-censos-2021.html>. Acesso em: 25 fev. 2024.

<sup>6</sup> Fonte: Instituto Nacional de Estatística. Disponível em: <https://estatistica.madeira.gov.pt/download-now/social/popcondsoc-pt/demografia-pt/demografia-serie-pt/demografia-series-curtas-pt.html>. Acesso em: 25 fev. 2024.

<sup>7</sup> Fonte: Instituto Nacional de Estatística. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiaNmMOMzUxM2EtNDZmNC00ODcwLThIMzktNDUzNTg3Y2Y2NmI0IiwidCI6IjcxOTQwYTg2LTUyYmQtNGVhMy04OWI3LWUwYTdjZDcwNDAMyIsImMiOiJ9>. Acesso em: 25 fev. 2024.

urbanizada do arquipélago, estando também situado na parte sul da ilha, a região mais densamente habitada.

Partindo dessas breves características traçadas sobre a RAM e sua capital, os informantes que compõem esta pesquisa vivem em uma sociedade heterogênea, contudo, todos são naturais da Madeira e residentes no Funchal, filhos de indivíduos madeirenses natos, ou com seus pais vindos para o Funchal ainda criança, especialmente no caso dos informantes da terceira faixa etária estabelecida nesta pesquisa.

Essa breve apresentação da comunidade de fala estudada deixou de lado diversas características culturais, sociais e históricas. Contudo, em virtude do espaço deste texto, consideramos aqui tratar-se de uma comunidade de fala oriunda de uma colonização portuguesa de 600 anos aproximadamente, insular, em contacto com a população estrangeira, residente ou por via do turismo.<sup>8</sup>

Para realizar uma análise da avaliação linguística no fenômeno dos verbos existenciais no Funchal, utilizamos uma técnica que consiste em uma remodelagem do método dos campos indexicais de Silverstein (2003) e Eckert (2008), realizada por Oushiro (2019a), denominada de árvore de distâncias mínimas (Gower; Ross, 1969). A utilização da árvore de distâncias mínimas reside na possibilidade de transformar percepções subjetivas em dados estatísticos concretos, permitindo visualizar como variantes linguísticas são indexadas a significados sociais específicos.

Essa abordagem parte de um modelo computacional capaz de representar correlações simultâneas entre múltiplas variáveis, o que a torna fundamental no estudo de avaliações e de percepções sociolinguísticas para evitar afirmações meramente impressionísticas, baseadas apenas nas atitudes do próprio pesquisador (Oushiro, 2019a). O procedimento metodológico é executado no *software* RStudio (Rstudio Team, 2024), baseando-se em modelos de visualização de campos indexicais e utilizando pacotes estatísticos para o cálculo de uma Matriz de Dissimilaridades (Oushiro, 2015, 2019a; Rstudio Team, 2024).

Diante dessa breve exposição da fundamentação teórica de nossa pesquisa, vejamos o percurso metodológico que traçamos.

---

<sup>8</sup> Maiores detalhes sobre o território da comunidade de fala no Mapa 1, mais à frente.

### 3 METODOLOGIA

Como metodologia de coleta de dados avaliativos, realizamos a aplicação de questionários *on-line*, utilizando a plataforma *Qualtrics*<sup>9</sup> (Qualtrics LLC, 2022).<sup>9</sup>

A distribuição dos questionários foi feita através de compartilhamento em redes sociais, como grupos do *Facebook*, *WhatsApp*, além do envio de *e-mails* para redes de contatos das autoras envolvidas na pesquisa, além do compartilhamento do *link* da pesquisa e de QRcode. O leitor pode ler o questionário na íntegra em Viana (2023, p. 417–422).

A coleta e tratamento dos dados dos questionários de avaliação linguística se baseiam nos estudos de Andrade (2014), Campbell-Kibler (2006, 2009), Cyranka (2007), Freitas; Favacho e Carvalho (2022), Guimarães (2019), Oushiro (2015, 2019b, 2019a), Rodrigues, A., (2018) e Rodrigues, L., (2018). O questionário está dividido em sete partes: (i) questões de identificação do participante, onde se solicita informações sociais básicas do participante; (ii) questões de avaliação da própria fala, para observarmos possíveis hipercorreções; (iii) questões subjetivas sobre o uso de *haver* e *existir*, nomeadamente; (iv) questões de verificação de crenças e atitudes sobre a língua, através de escalas *likert*; (v) questões de percepção de formalidade, através de *sliders*, uma versão de escalas *likert*; (vi) questões de avaliação da fala através da associação de adjetivos aos usos pelas pessoas de cada um dos três verbos, em caixas de múltipla escolha; (vii) o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (como campo de formulário). Contudo, para este recorte, trazemos ao leitor apenas os dados referentes ao item vi) questões de avaliação com uso de adjetivos a pessoas relacionado ao uso dos verbos, em caixas de múltipla escolha.

Como ideia inicial, o teste procurou obter o uso de fala natural das pessoas nas questões/perguntas sobre percepção e avaliação sobre os verbos existenciais *ter/haver/existir*, para verificar se *ter* existencial, pouco usado no PE da Madeira (Bazenga, 2019; Viana, 2018), seria tratado de forma estereotipada ou não, pois, no PB, a variação dos verbos existenciais é

---

<sup>9</sup> A *Qualtrics*<sup>®</sup> é uma empresa que possui uma plataforma de gestão de experiência, ou seja, um aprimorado *software* de pesquisas comportamentais e avaliativas *on-line*, com planos gratuitos e pagos. Nesta pesquisa, utilizamos um plano *Standard* custeado pela Universidade da Madeira no período que compreende outubro de 2021 a maio de 2022.

considerada como *marcador sociolinguístico* (Labov, 2008; Viana, 2018); desta forma, optamos por apresentar um teste apenas com leitura, sem áudio, em virtude de considerarmos uma metodologia não produtiva, neste fenômeno, pois além de ser marcador linguístico, ou seja, um fenômeno não estereotipado, não se trata de um fenômeno de nível fonético-fonológico, mais perceptível à audição.

O teste foi realizado por 98 indivíduos. Desse total, utilizamos apenas dos dados de 35 informantes, pois somente esses preenchem o perfil esperado: indivíduos graduados, naturais do Funchal, filhos de naturais do Funchal ou da RAM, ou que tivessem vindo morar na Ilha ainda crianças, e residentes no Funchal, desse modo, nosso teste foi analisado com dados de 35 informantes.

Vejam os a estratificação social desses 35 informantes na Tabela 1.

Tabela 1 - Tabela de estratificação social dos participantes do teste de percepção e atitudes linguísticas

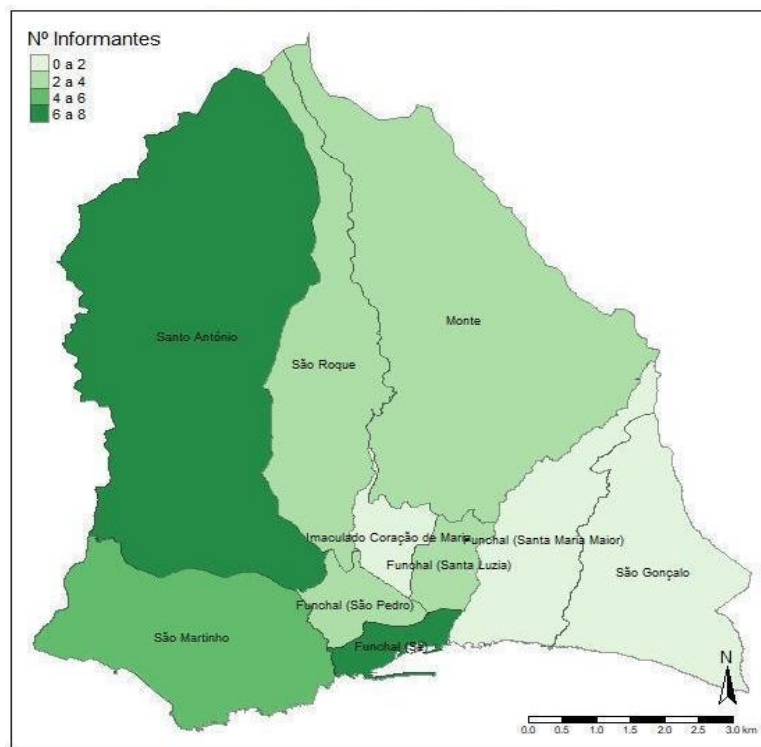
<b>Característica</b>	<b>Quantidade de participantes</b>	
<i>Sexo</i>		
Feminino	25	71,4%
Masculino	10	28,6%
<i>Faixa Etária</i>		
Faixa 1 (22 a 35 anos)	15	42,9%
Faixa 2 (36 a 55 anos)	11	31,4%
Faixa 3 (56 anos em diante)	9	25,7%
<i>Escolaridade</i>		
Licenciatura	22	62,9%
Técnico Superior	3	0,8%
Mestrado	8	22,9%
Doutoramento	2	0,5%
<i>Área do conhecimento</i>		
Ciências Exatas e da Terra	2	0,5%
Linguística, Letras e Artes	8	20,0%
Ciências Humanas	7	22,9%
Ciências Sociais Aplicadas	8	22,9%
Não informou	10	28,6%

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Essa estratificação da área de conhecimento fora elaborada segundo lista de áreas do conhecimento do CNPq,<sup>10</sup> para classificar a formação acadêmica dos voluntários.<sup>11</sup>

A amostra obtida representa as diversas freguesias da cidade, como é possível visualizar no Mapa 1, a seguir.

Mapa 1 - Participantes do teste de percepção e atitudes por freguesias do Funchal



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Dessa forma, embora a maioria dos voluntários da pesquisa sejam das freguesias de Santo Antônio e da Sé, há participantes de todas as freguesias.

As questões/perguntas que geraram a análise de dados através da árvore de distâncias mínimas foram: Q14 - Que características daria para

<sup>10</sup> Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, Brasil. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/documents/11871/24930/TabeladeAreasdoConhecimento.pdf/d192ff6b-3e0a-4074-a74d-c280521bd5f7>. Acesso em: 11 maio 2022.

<sup>11</sup> Lembramos ao leitor que essa pesquisa é um recorte da tese de doutoramento de Viana (2023).

peessoas que falam frases como: “*Acredito que existe vida fora da terra*”, ou “*Aqui na empresa existirá/vai existir festa natalina este ano?*”, ou ainda, “*Existia muita miséria no interior do estado.*”; Q15 - Que características daria para pessoas que falam frases como: “*Acredito que há vida fora da terra*”, ou “*Aqui na empresa haverá/vai haver festa natalina este ano?*”, ou ainda, “*Havia muita miséria no interior do estado.*”; Q16 - Que características daria para pessoas que falam frases como: “*Acredito que tem vida fora da terra*”, ou “*Aqui na empresa terá/vai ter festa natalina este ano?*”, ou ainda, “*Tinha muita miséria no interior do estado.*”.

De posse desses dados, escolhemos a metodologia trazida pela árvore de distâncias mínimas (Gower; Ross, 1969) para conferir rigor estatístico e objetividade ao estudo das avaliações e percepções sociolinguísticas a partir de uma nova forma de visualização de dados.

Esta técnica constitui uma remodelagem do método dos campos indexicais (Silverstein, 2003; Eckert, 2008) realizada por Oushiro (2019a), baseando-se em um modelo computacional capaz de representar correlações simultâneas entre múltiplas variáveis. Segundo a autora, esse levantamento sistemático e a possibilidade de quantificação e modelagem dos dados são relevantes para fundamentar cientificamente o estudo das percepções, evitando-se afirmações meramente impressionísticas baseadas apenas nas atitudes ou intuições do próprio pesquisador.

Sob a perspectiva técnica, o procedimento envolve o uso do *software* RStudio (Rstudio Team, 2024) e de pacotes como *amap* e *vegan* para o processamento de uma Matriz de Dissimilaridades a partir da frequência de adjetivos selecionados pelos participantes. O resultado é a geração de um gráfico visual arbóreo no qual os fatores correlacionados tendem a se agrupar em forma de aglomerados (*clusters*), enquanto os termos pouco relacionados permanecem distantes entre si. Essa ferramenta permite uma visualização clara da indexação social, demonstrando como as variantes linguísticas em estudo são associadas a significados sociais específicos e traços de personalidade na consciência da comunidade de fala.

A seguir, apresentamos a análise dos dados coletados.

## 4 ANÁLISE DE DADOS

Dentro do teste de atitudes de Viana (2023), no último bloco de questões (Q14, Q15 e Q16), pretendia-se que os voluntários atribuíssem características físicas, psicológicas ou sociais a pessoas que falassem frases específicas — conforme as questões apresentadas na seção anterior.

Essas três questões foram formuladas com o objetivo de utilizar uma *árvore de distâncias mínimas* (Gower; Ross, 1969) a partir da frequência dos adjetivos selecionados pelos participantes do teste, tomando por base a pesquisa de Oushiro (2015).

A *árvore de distâncias mínimas* é uma proposta de remodelagem, realizada por Oushiro (2015, 2019b), a partir do método dos campos indexicais trazidos pelas pesquisas de Silverstein (2003) e de Eckert (2008). A árvore calcula correlações simultâneas entre mais de uma variável preditora, no caso, os adjetivos, com uma variável predita, no caso, cada questão com os verbos existenciais.

Seguindo os passos de Oushiro (2019b), nosso propósito é de realizar um levantamento sistemático de dados e respostas, de testes de avaliações e de percepções, no qual pudéssemos quantificar e modelar os dados coletados “a fim de evitar afirmações impressionísticas, com base apenas nas atitudes do próprio pesquisador” (Oushiro, 2019b, p. 332)

Para essa quantificação e modelagem, utilizamos o *RStudio* (RStudio Team, 2024),<sup>12</sup> onde calculamos o algoritmo e plotamos a árvore de distâncias mínimas, segundo os estudos de (Oushiro, 2015, 2019a) e o *script* disponibilizado pela autora, adequando-o a nossos dados e também adaptando-o para um novo *script*.

A árvore de distâncias mínimas que modelamos foi gerada a partir das correlações estatísticas provenientes do arquivo de dados criado no *Microsoft Excel*®, com a coleta feita pelos questionários do *Qualtrics*®, a partir das seguintes características selecionadas pelos participantes no teste: *alta, branca, tímida, descolada, maconheira, religiosa, ligada à*

---

<sup>12</sup> O *RStudio* é um programa computacional estatístico, um software livre, uma interface mais amigável para o programa R, que se trata de uma linguagem de programação para manipulação, análise e visualização gráfica de dados. O *RStudio* se utiliza de *scripts* (roteiros) que executam grandes e qualquer tipo de cálculo estatístico.

*família, articulada, irritante, metida, confiável, simples, trabalhadora, confiante, solidária, prática, preguiçosa, mal-educada, engraçada, desencanada, sincera, heterossexual, homossexual, mimada, conservadora, vilão/rústica,<sup>13</sup> deprimida, nerd, sofisticada, independente, betinha/betinho,<sup>14</sup>* para todas as três perguntas, Q14, Q15 e Q16, nas quais, como já apresentamos, cada uma tratava de um dos verbos existenciais em estudo.

No *RStudio*, após limpeza dos dados, utilizamos o pacote *amap* e o pacote *vegan*, para plotar a imagem da árvore, tal como no *script* de Oushiro (2019a). Além disso, foi necessário retirar alguns adjetivos que não tiveram nenhuma marcação pelos participantes da pesquisa, pois estavam dificultando a convergência do algoritmo para a plotagem da árvore, assim, excluimos esses “zeros” dos dados e pudemos rodar a árvore a partir dos adjetivos que tiveram, pelo menos, uma marcação no teste. Os adjetivos retirados da análise geral foram: *tímida, descolada, maconheira, desencanada, homossexual, mimada, deprimida e nerd*.

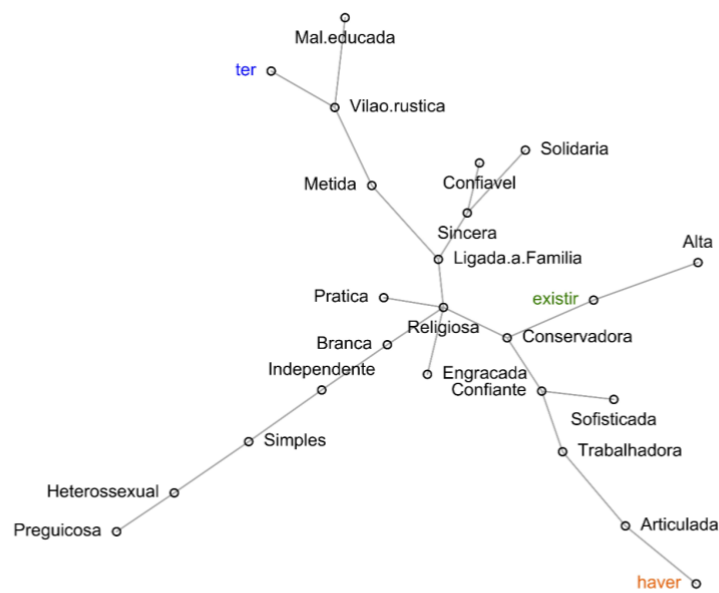
A Figura 2 apresenta a árvore de distâncias mínimas com o resumo da avaliação feita pelos participantes do teste de avaliação e percepção linguística em Funchal.

---

<sup>13</sup> *Vilão* ou *rústica* são equivalentes a *matuto* ou *matuta*, no PB.

<sup>14</sup> *Betinho* ou *betinha* são equivalentes a *patricinha/mauricinho*, no PB.

Figura 2 - Árvore de distâncias mínimas do teste de percepção e atitudes



dados = amostra geral

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Para interpretar uma árvore de distâncias mínimas, como a apresentada na Figura 2, devemos observar a *proximidade* entre os termos ou palavras como se fossem “ramos” de uma árvore, pois, quanto mais próximas as palavras apresentadas estiverem, maior é a coocorrência entre as palavras, ou seja, a proximidade das palavras traz maior probabilidade de os adjetivos/palavras terem sido associados juntos pelos participantes da pesquisa.

Para exemplificar: caso os termos “engraçada”, “nerd” e “alta” estivessem próximos um dos outros, em um dos ramos da árvore, isso apontaria para o facto dos informantes compreenderem que no uso de um determinado verbo essas três características estão associadas.

Contudo, temos que alertar o leitor para o fato de que não há qualquer relação das cores das palavras com as distâncias ou com quantitativo de palavras. As cores servem, unicamente, para ajudar na visualização e diferenciação das palavras por estarem muito próximas umas das outras, sobrepondo-se por vezes. Em nossas árvores, somente os verbos em estudo estarão coloridos.

Nesta análise, utilizamos os mesmos dados, mas desconsideramos, na plotagem da árvore, os metadados como sexo, faixa etária, escolaridade e área de atuação, que correspondem às dos participantes da pesquisa. O que não se aplica aos adjetivos, que constituem as respostas que esses participantes associam ao uso dos existenciais nas questões supracitadas.

Nossa árvore de distâncias mínimas apresentada na Figura 2, nos mostra, então, que o verbo *ter* está muito próximo dos adjetivos *vilão/rústica*, *metida*, *mal educada* e *ligada à família*.<sup>15</sup> Assim, os informantes do teste associaram esses adjetivos mais ao uso de *ter* do que dos demais verbos; como se, ao usar *ter*, o indivíduo fosse descuidado com a linguagem, ou mesmo, que não tivesse completo domínio da língua. Essa proposição pode estar relacionada aos baixos índices de escolarização da Ilha da Madeira desde séculos anteriores.

Quanto ao verbo *existir*, vemos que ele está em um “galho” de um “ramo” que está, mais à frente, o verbo *haver*; no entanto, *existir* está mais aproximado dos adjetivos *alta*, *conservadora*, *confiante*, *sofisticada* e *religiosa*.

Já o verbo *haver* se acha mais distante dos verbos *ter* que de *existir*, estando em outro “ramo” da árvore. Aqui, *haver* está próximo dos adjetivos *articulada*, *trabalhadora* e, também, *sofisticada* e *confiante*, que também estão próximos de *existir*.

Em nossa árvore de distâncias mínimas, há um ramo no qual não há os verbos existenciais. Podemos inferir, portanto, que essas características não estão necessariamente ligadas a um verbo específico, embora se desprenda do ramo de *ter* e *haver*, onde estão cada um em uma ponta, traz, os adjetivos *branca*, *independente*, *simples*, *heterossexual* e *preguiçosa*. As frases utilizadas no teste imprimiram, nos inquiridos, a impressão de que aquelas frases seriam utilizadas por pessoas comunicativas, dado os tipos de adjetivos utilizados e a proximidade dessas características em ramos distintos. Estas características foram usadas no teste, embora não tenham

---

<sup>15</sup> Lembramos, aqui, ao leitor, que a pergunta inicial das questões era: “Que características daria para pessoas que falam frases como [...]”, dessa forma, os adjetivos estão no gênero feminino para concordar com a palavra “pessoa”, em resposta ao questionamento do teste de atitudes.

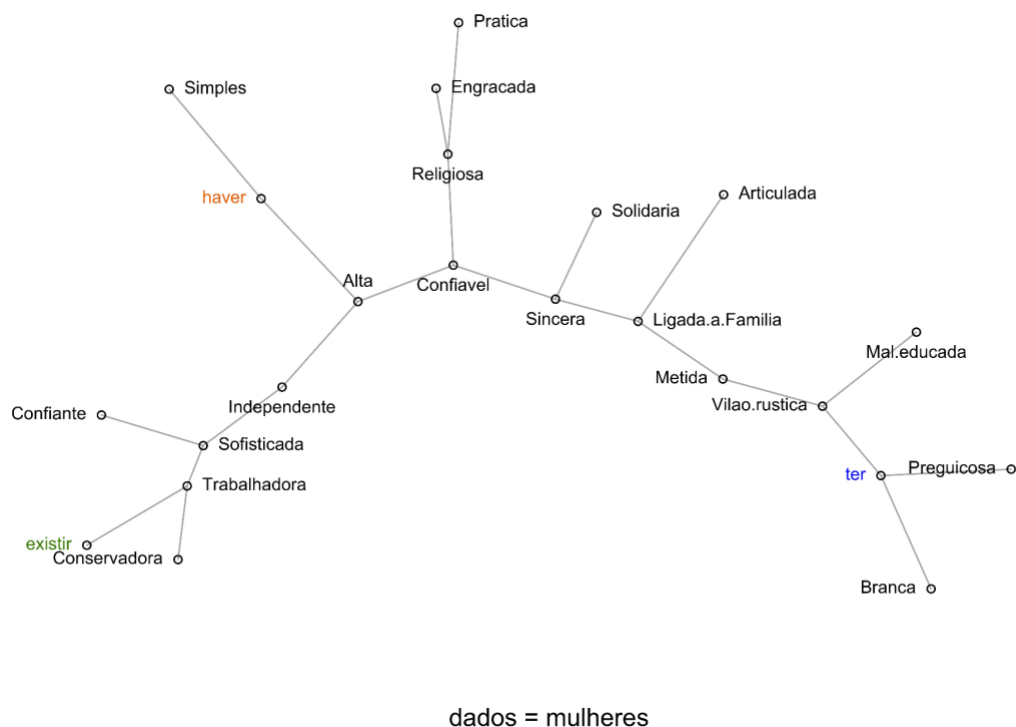
se mostrado tão próximas daquelas de que já falamos anteriormente para cada um dos verbos estudados.

É possível constatar que, em nossa árvore, não estão presentes alguns adjetivos contidos no teste, como: *tímida, descolada, maconheira, desencanada, homossexual, mimada, deprimida e nerd*. Essas palavras não tiveram nenhuma marcação pelos respondentes do teste e os “zeros” deixados pela falta de marcação dificultaram a convergência do algoritmo no cálculo para a plotagem da árvore, assim, excluímos esses dados zerados para podermos rodar a árvore a partir dos adjetivos que tiveram, pelo menos, uma marcação no teste.

Afunilando nossa análise, resolvemos verificar nossos dados separando os dados entre homens e mulheres, levando em consideração a histórica diferença de usos entre os sexos na literatura sobre os verbos existenciais.

Ao gerar a árvore com dados femininos, vemos os resultados com dados das mulheres através da Figura 3, a seguir.

Figura 3 - Árvore de distâncias mínimas do teste de percepção e atitudes somente com dados femininos



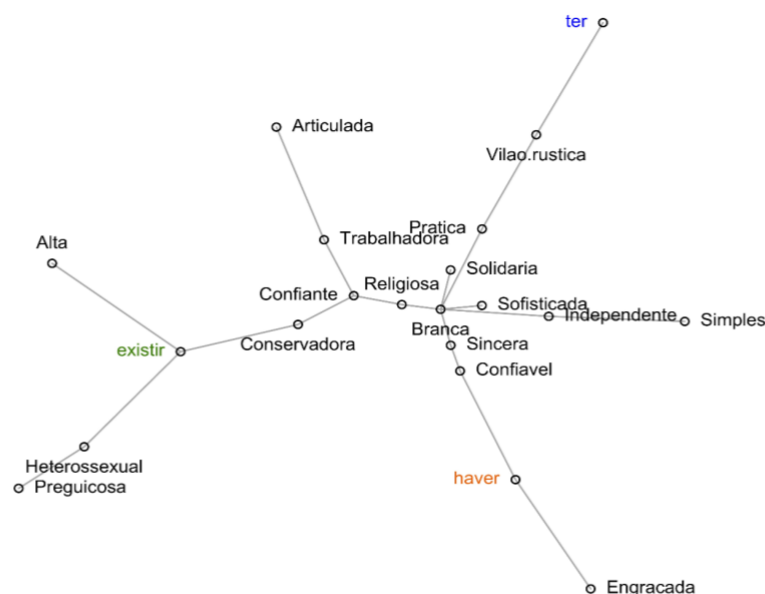
Fonte: Elaborada pelas autoras.

Tal como a árvore geral (Figura 2), a árvore com dados femininos traz uma correlação semelhante entre os adjetivos: o verbo *ter* está correlacionado aos adjetivos *branca*, *preguiçosa*, *vilão/rústica*, *mal educada* e *metida*; o verbo *existir*, em uma outra ponta do ramo que faz uma espécie de arco, está mais aproximado dos adjetivos *conservadora*, *trabalhadora*, *sofisticada*, *confiante*, e *independente*; por fim, *haver* se aproxima mais de *existir*, assim como na árvore geral (Figura 2), mas em um galho separado do ramo central. Neste galho, ele se desprende do ramo a partir do adjetivo *alta* e se correlaciona também com o adjetivo *simples*, ficando, então, entre *alta* e *simples*.

Nesta árvore, com dados unicamente dos informantes femininos, nós também tivemos que excluir os adjetivos zerados que foram, além daqueles já retirados na análise geral, o adjetivo *heterossexual*.

Na Figura 4, na sequência, podemos analisar uma árvore plotada somente com dados masculinos.

Figura 4 - Árvore de distâncias mínimas do teste de percepção e atitudes somente com dados masculinos



dados = homens

Fonte: Elaborada pelas autoras.

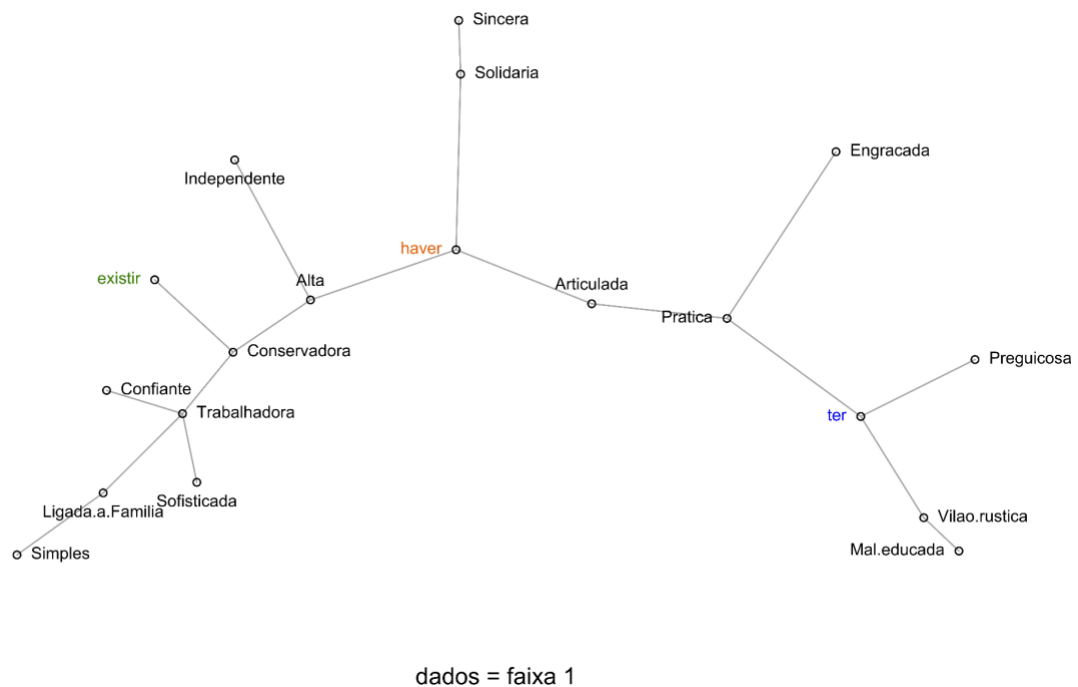
Nesta árvore, plotada com dados exclusivamente masculinos (Figura 4), vemos que o adjetivo *heterossexual*, que havia sido zerado nos dados femininos, surge nos dados masculinos como selecionado pelos homens da pesquisa. Contudo, outros adjetivos foram zerados e retirados do conjunto de dados masculinos para plotagem, que foram os adjetivos: *ligada à família*, *metida* e *mal educada*.

Verificamos, na árvore masculina, um formato distinto da árvore feminina o que nos apresenta, estatisticamente, correlações diferentes entre ambos os sexos. Para os homens, *ter*, na ponta de um ramo, está correlacionado aos adjetivos *vilão/rústica*, *prática* e *solidária*; em relação a *existir*, em outro extremo, está correlacionado aos adjetivos *conservadora*, *alta*, *heterossexual* e *preguiçosa* que ficaram plotados ao seu redor; já o verbo *haver*, em outro ramo extremo da árvore, está correlacionado aos adjetivos *engraçada*, *confiável*, *sincera* e *branca*.

Procurando correlações que apresentem melhor as avaliações dos indivíduos funchalenses respondentes do teste, plotamos outras duas árvores que trouxessem as duas pontas etárias, assim, a faixa 1 e a faixa 3.

Vejam, portanto, na Figura 5, a árvore com dados de homens e mulheres da faixa etária 1. Para esta, novamente obtivemos adjetivos zerados e precisamos retirá-los do conjunto de dados para plotagem, os adjetivos foram: *branca*, *religiosa*, *metida*, *confiável* e *heterossexual*.

Figura 5 - Árvore de distâncias mínimas do teste de percepção e atitudes somente com dados da faixa 1



Fonte: Elaborada pelas autoras.

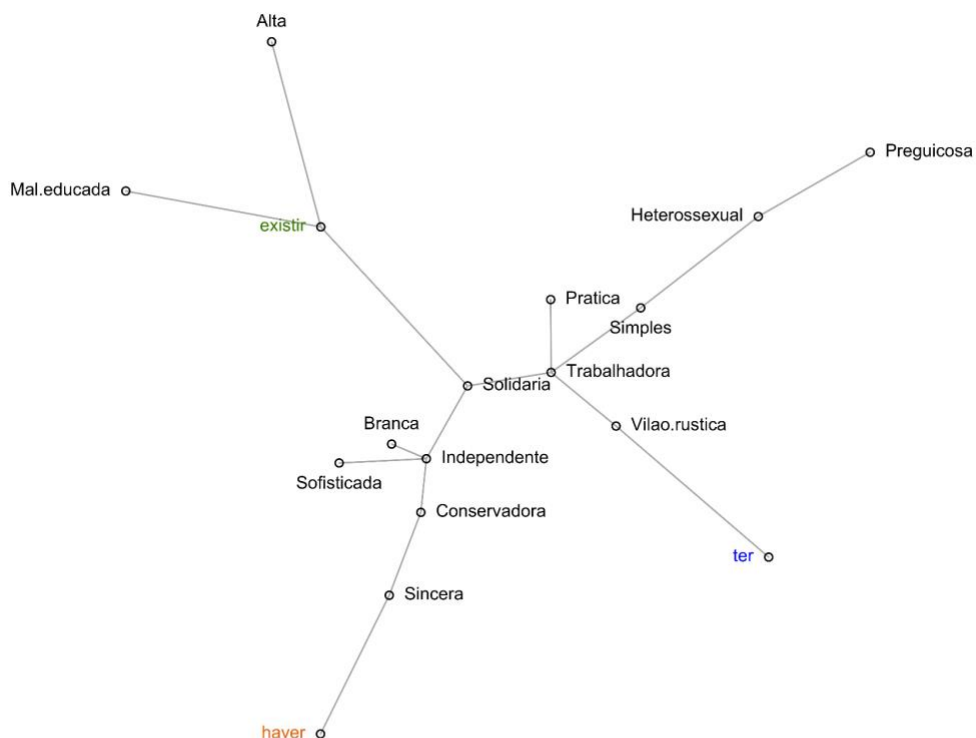
Na Figura 5, as correlações obtidas com os dados dos informantes da faixa 1 trazem os verbos mais ao centro da árvore. O verbo *ter* está correlacionado aos adjetivos *preguiçosa*, *vilão/rústica* e *mal educada*; *haver* está correlacionado a *articulada*, *solidária*, *sincera* e *alta*; por fim, *existir* tem correlação direta com *conservadora* e, ainda, com *alta* e *trabalhadora*.

Nessa árvore, *existir* está muito próximo de *haver*, de modo que quase estão correlacionados diretamente.

Além disso, o formato da árvore é similar à árvore de dados femininos.

Relacionada aos dados da faixa etária 3, vejamos, portanto, na Figura 6, a árvore com dados de homens e mulheres da faixa de pessoas mais velhas. Nela, os adjetivos zerados e retirados do conjunto de dados foram os adjetivos *ligada à família*, *religiosa*, *articulada*, *metida*, *confiável*, *engraçada* e *confiante*.

Figura 6 - Árvore de distâncias mínimas do teste de percepção e atitudes somente com dados da faixa 3



dados = faixa 3

Fonte: Elaborada pelas autoras.

A árvore plotada na Figura 6 nos apresenta um formato similar ao formato da árvore com dados masculinos. Aqui, as correlações obtidas com os dados dos informantes de terceira faixa trazem os verbos espalhados em ramos distintos da árvore. O verbo *ter* está correlacionado aos adjetivos *vilão/rústica* e *trabalhadora*; *haver* está correlacionado a *sincera* e *conservadora*; por fim, *existir* tem correlação direta com *alta* e *mal educada*.

## 5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

De um modo mais amplo, podemos verificar que os funchalenses vinculam o verbo *ter* à informalidade, assim como o verbo *existir* a uma maior formalidade que do verbo *ter*, quando comparado com o verbo *haver*, pois, enquanto *haver* é considerado formal, *ter* e *existir* são considerados informais para os funchalenses cultos da pesquisa.

A pesquisa de Bazenga (2022), em um estudo também de avaliação linguística, analisou os verbos *ter* e *haver* em duas variedades do PE, continental e insular. Sua pesquisa nos permitiu observar uma maior aceitabilidade da variante não-padrão, a construção existencial com *ter*, por parte de participantes madeirenses do Funchal do que pelos participantes de Bragança, cidade situada em Portugal continental, conclusão que se soma às nossas.

Também podemos averiguar que, analisando as árvores plotadas, o uso de *ter* está associado aos adjetivos *vilão/rústica*, *branca*, *mal educada* e *prática*, sendo que essa associação foi realizada, em maior parte, pelos indivíduos *femininos*. Logo, os informantes do teste associaram esses adjetivos mais próximos ao uso de *ter* que dos demais verbos, associando, na nossa análise, o uso deste verbo a um uso de descuido com a linguagem, ou mesmo, a falta de domínio da língua portuguesa. Os próprios informantes afirmam que falar corretamente é como defender sua cultura.

Outras pesquisas sobre a fala madeirense corroboram essa assertiva, a de que os madeirenses “consideram a língua portuguesa como um instrumento muito importante, na sua correta utilização” (Andrade, 2014, p. 182). Além disso, Andrade (2014) ainda nos relata que

Apesar dos informantes considerarem ser importante falar ‘bem o PE’, mostram também ter consciência do facto de nem todos os falantes da comunidade linguística a que pertencem o fazerem corretamente, isto é, de acordo com o preconizado pela norma (Andrade, 2014, p. 182, aspas da autora).

Nosso teste vem corroborar essa conclusão da autora.

Sobre o uso de *existir*, podemos notar que, com os dados gerais (Figura 2), ele se separa em um ramo distinto do que se ligam *haver* e *ter*, mais à direita da figura; porém, *existir* está mais chegado aos adjetivos *alta* e *conservadora*.

Relacionado ao verbo *haver*, podemos notar que ele se encontra, na árvore, bastante distante de *ter*, na outra extremidade do “ramo” central da árvore de dados gerais (Figura 2). *Haver*, então, está próximo dos adjetivos *articulada* e *trabalhadora*, *confiante* e *sofisticada*.

Analisando os dados quanto aos extremos etários, ou seja, os mais jovens e os mais velhos, respectivamente nas Figuras 5 e 6, verificamos que os mais jovens correlacionam *existir* diretamente a *conservadora*, enquanto os mais velhos o correlacionam a *mal educada* e *alta*. Tanto para os jovens, quanto para os mais velhos, *ter* está correlacionado diretamente a *vilão/rústica*, *mal educada*, *preguiçosa* e *trabalhadora*; o que, no geral, não foge dos achados anteriores. Enquanto para o verbo *haver*, nesta análise, visualizamos os jovens o correlacionando aos adjetivos *solidária* e *sincera*, os mais velhos fizeram a correlação, também, mas com os adjetivos *sincera* e *conservadora*.

Traçando um diálogo com pesquisas anteriores sobre a avaliação dos verbos *ter*, *haver* e *existir* tanto na variedade europeia quanto na variedade brasileira, podemos constatar que as variantes existenciais são indexadas a significados sociais distintos em ambas variedades. No Funchal, a árvore de distâncias mínimas revela um forte estigma sobre o verbo *ter*, associando-o a adjetivos negativos como "vilão/rústica", "metida" e "mal-educada", o que indica uma percepção de uso descuidado da linguagem ou falta de domínio da norma culta.

Esse cenário diverge significativamente dos resultados em Fortaleza (Viana, 2023), onde o *ter* existencial é a variante amplamente dominante na produção e é avaliada de forma mais positiva como um uso "prático" e "simples", refletindo uma mudança em progresso muito mais avançada e normalizada do que a variação estável observada na Madeira. Embora ambas as comunidades mantenham o verbo *haver* como o polo de prestígio, no Funchal ele é indexado a traços de ser "articulada" e "branca", enquanto em Fortaleza sua imagem está atrelada a contextos de polimento e a figuras como o "doutor" ou o "nerd".

O verbo *existir* ocupa uma posição intermediária de sofisticação, sendo colocado no Funchal mais próximo de *haver* do que de *ter* e associado a identidades "confiantes", "conservadoras" e "sofisticadas". Para os informantes madeirenses, esse verbo é, preferencialmente, utilizado para expressar a "presença física" ou "existência visual", ao passo que, em Fortaleza, embora também ligado à existência efetiva, ele é percebido como menos formal que *haver* na escala de atitudes.

Esses achados reforçam a posição de Funchal em um *continuum* sintático intermediário, onde a produção da variante inovadora *ter* é ativa na oralidade, mas sua avaliação subjetiva permanece sob a forte pressão da norma padrão (Bazenga; Andrade; Rodrigues, 2019). Assim, o diálogo entre os estudos existentes na literatura sociolinguística confirma estágios distintos de mudança linguística: um processo de variação estável e estigmatizada em Funchal frente a uma substituição semicategórica de *haver* por *ter* na fala culta fortalezense.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos este estudo trazendo ao leitor e pesquisador linguista uma outra possibilidade de analisar estatisticamente a avaliação e percepção linguísticas: uma árvore de distâncias mínimas. A partir dela, podemos verificar associações entre opiniões de testes de avaliação linguísticas a uma ou outra variante de uma variável estudada, de forma empírica.

Sua leitura não é contraintuitiva, visto que as palavras estão próximas umas das outras como em uma linha ou ramos de uma árvore, como o próprio nome já propõe.

Quanto ao fenômeno linguístico avaliado pela comunidade de fala proposta, os resultados estiveram dentro do que a literatura sobre a variação linguística dos verbos existenciais no PE insular vem verificando: o uso de *ter existencial* em relação a *haver* reconhecido como é em uso no Funchal, mas *ter existencial* ainda é visto como um erro da norma, possivelmente, como uma variante estigmatizada. E, para isso, mais estudos devem ser realizados.

Embora a metodologia de árvore de distâncias mínimas (MST) seja uma ferramenta robusta para conferir objetividade ao estudo das percepções, ela enfrenta desafios significativos relacionados à subjetividade e ao *design* experimental. Um dos principais problemas reside no risco de viés do pesquisador, o que exige métodos que permitam a falseabilidade e a replicabilidade para garantir que as conexões ideológicas representadas sejam de fato estabelecidas pelos informantes e não apenas inferidas por quem analisa os dados. Além disso, por ser baseada em questionários fechados, a árvore constitui necessariamente uma versão simplificada da realidade, limitando-se a um subconjunto de significados sociais potenciais.

Existe, também, o risco de distanciamento artificial, onde o *design* do experimento (como em testes de estímulos pareados) força a separação entre variantes que nunca coocorrem no estímulo, mesmo que elas compartilhem associações sociais semelhantes na comunidade.

No plano técnico e estatístico, a eficácia da árvore depende criticamente do tamanho da amostra e da distribuição dos dados. Coleções de dados muito pequenas podem gerar aglomerados (*clusters*) sem significado real, resultando apenas em agregações acidentais de observações aleatórias. Outro desafio técnico é a distorção das distâncias relativas ao converter dados multidimensionais para um plano bidimensional, o que pode mascarar relações complexas entre as variáveis. Além disso, a presença de "zeros" estatísticos — como adjetivos que não recebem nenhuma marcação dos participantes — pode causar falhas na convergência do algoritmo, obrigando o pesquisador a excluir variáveis para que o modelo funcione corretamente.

Finalmente, a natureza dinâmica e contextual dessas conexões indexicais significa que certas associações podem emergir apenas na presença de variantes marcadas, o que dificulta a generalização absoluta dos campos indexicais observados.

Por fim, esta pesquisa vem ajudar a promover a construção de um quadro maior e mais aprofundado, com recurso de ferramentas de análise mais sofisticadas e estatisticamente robustas, sobre variação linguística do PE insular e sobre os verbos existenciais na fala dos madeirenses.

### **Agradecimentos:**

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico - FUNCAP, pelo apoio financeiro com bolsa de doutoramento, e à Universidade da Madeira - UMa, pelo financiamento da plataforma na qual foi realizado o teste de percepções e atitudes.

### **REFERÊNCIAS**

ANDRADE, C. G. G. **Crenças, percepção e atitudes linguísticas de falantes madeirenses**. 2014. 203 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e

Culturais) - Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais, Universidade da Madeira, Funchal, 2014.

BAZENGA, A. M. P. F. **CSF** - Corpus Sociolinguístico do Funchal. Funchal, 2010. Disponível em: <https://testuma.sharepoint.com/:f/s/investigacao/cierl/EtNaj7eZ-91BoV3SYO69HgMB0rifbx3CEly9GcpcP-vTRQ?e=nRYOMJ>. Acesso em: 29 mar. 2023.

BAZENGA, A. M. P. F. A concordância de terceira pessoa plural: a variedade insular do PE (Funchal). *In*: VIEIRA, S. R. (org.). **A concordância verbal em variedades do Português**. A interface Fonética-Morfossintaxe. Rio de Janeiro: FAPERJ/Vermelho Marinho, 2015. p. 74–101.

BAZENGA, A. M. P. F. A variação entre ter e haver em construções existenciais numa variedade insular do PE (Funchal). *In*: CARRILHO, E. *et al.* (org.). **Textos selecionados do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. Lisboa: CLUL, 2019. p. 181–216.

BAZENGA, A. M. P. F. Sobre ter e haver em construções existenciais no português europeu: as avaliações de falantes cultos (Funchal e Bragança). **Cuadernos de la ALFAL**, [s. l.], v. especial, p. 181–202, 2022.

BAZENGA, A. M. P. F.; ANDRADE, C. G. G.; RODRIGUES, L. da S. Variantes sintáticas (padrão e não padrão) em português: representações sociais e atitudes linguísticas de falantes madeirenses. *In*: **CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIALETOLOGIA E SOCIOLINGÜÍSTICA**, 4., 2019, Campo Grande. Atas [...]. Campo Grande: CIDS, 2019. p. 1–15. Disponível em: <https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/2545>. Acesso em: 29 mar. 2023.

BAZENGA, A. M. P. F.; ANTUNES, L. **A Madeira no Atlântico Lusófono**. Funchal: Centro de Estudos de História do Atrântico - CEHA, 2015.

BRISSOS, F.; GILLIER, R.; SARAMAGO, J. O problema da subdivisão dialetal madeirense: estudo dialetométrico da variação lexical. **Revista da Associação Portuguesa de Linguística**, Porto, v. 10, n. 21, p. 31–47, 2016.

CALLOU, D.; AVELAR, J. O. Preservação e mudança na história do Português: de “Possessivo” a “Existencial”. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 30, p. 224–235, 2012.

CAMACHO, R. G. **Da linguística formal à linguística social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

CAMPBELL-KIBLER, K. **Listener Perceptions of Sociolinguistic Variables: The Case of (ing)**. 2006. 282 f. Dissertation (Doctorate of Philosophy) - Department of Linguistics, Stanford University, Stanford, 2006.

CAMPBELL-KIBLER, K. The nature of sociolinguistic perception. **Language Variation and Change**, [s. l.], v. 21, n. 1, p. 135–156, 2009.

CAMPBELL-KIBLER, K. Sociolinguistics and Perception. **Linguistics and Language Compass**, [S. l.], v. 4, n. 6, p. 377–389, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1749-818X.2010.00201.x>. Acesso em: 29 mar. 2023.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do Português Contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

CYRANKA, L. F. de M. **Atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora-MG**. 2007. 174 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

ECKERT, P. Variation and the indexical field. **Journal of Sociolinguistics**, [s. l.], v. 12, n. 4, p. 453–476, 2008.

FREITAS, M. L.; FAVACHO, L. de L.; CARVALHO, H. M. de. Avaliação e percepção das formas nós e a gente e dos padrões de concordância por falantes escolarizados de Fortaleza - Ceará. **Miguilim - Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 11, n. 1, p. 40–57, 2022.

GOUVEIA, M. C de F. e. O que está a mudar no Português Europeu?. **Études romanes de Brno**, Brno, v. 40, n. 2, p. 199–215, 2019.

GOWER, J. C.; ROSS, G. J. S. Minimum Spanning Trees and Single Linkage Cluster Analysis. **Journal of the Royal Statistical Society. Series C (Applied Statistics)**, [s. l.], v. 18, n. 1, p. 54–64, 1969.

GUIMARÃES, T. de A. A. S. **Tu e você no falar de Fortaleza-CE: variação e avaliações linguísticas**. 2019. 219 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019.

LABOV, W. **The Social Stratification of English in New York City**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. tradução: Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change: Cognitive and cultural Factors**. Oxford: Blackwell, 2010. v. 3

MATEUS, M. H. M. Terminologia em Portugal: necessidades em matéria de Ordenamento Terminológico. **Revista Terminómetro**, Lisboa, n. especial, p. 9–12, 2005.

MATEUS, M. H. M; CARDEIRA, E. **Norma e Variação**: o essencial sobre a Língua Portuguesa. Lisboa: Editorial Caminho, 2007.

OUSHIRO, L. **Identidade na Pluralidade**: Avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo. 2015. 372 f. Tese (Doutorado em Letras) - Departamento de Linguística Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

OUSHIRO, L. A computational approach for modeling the indexical field. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 27, n. 4, p. 1737–1786, 2019a.

OUSHIRO, L. Conceitos De Identidade E Métodos Para Seu Estudo Na Sociolinguística | Concepts of Identity and Methods for Its Study in Sociolinguistics. **Estudos Linguísticos e Literários**, [S. l.], n. 63, p. 304, 2019b.

OUSHIRO, L. Avaliações e percepções sociolinguísticas. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), São Paulo, v. 50, n. 1, p. 318–336, 2021a. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/3100/1958>. Acesso em: 5 out. 2021.

OUSHIRO, L. Importância de estudos de avaliação e percepções sociolinguísticas. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 1, n. 40, p. 9–20, 2021b. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/71443#:~:text=Argumenta-se%2Cem%20última%20instância,ao%20preconceito%20linguístico%20e%20a.> Acesso em: 28 mar. 2022.

PEREIRA, S. A. A sintaxe na classificação dos dialetos portugueses. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LING, 29., 2014, Porto. **Textos selecionados**. Porto: APL, 2014. p. 445–464.

QUALTRICS LLC. **Qualtrics XM Platform**. [S. l.], 2022. Standard. Disponível em: Acesso em: 21 maio 2023.

RODRIGUES, A. G. P. **Variação e atitudes linguísticas na realização de fricativas no falar de Fortaleza-CE**. 2018. 282 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

RODRIGUES, L. da S. **O caso acusativo nos pronomes pessoais de terceira pessoa do Português Brasileiro e Europeu**. 2018. 166 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

RSTUDIO TEAM. **RStudio**: Integrated Development for R. Boston: RStudio, PBC, 2024.

SEGURA, L. Geografia da Língua Portuguesa. *In*: RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva *et al.* (org.). **Gramática do Português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013a. v. 1, p. 69–81.

SEGURA, L. Variedades dialetais do português europeu. *In*: RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva *et al.* (org.). **Gramática do Português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013b. p. 85–142.

SENE, M. G. de. Percepções sociolinguísticas, avaliações subjetivas e atitudes linguísticas: três domínios complementares língua. **Língua e Linguística**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 304–323, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/1980-6914/letras.v21n1p304-323>. Acesso em: 5 abr. 2022.

SILVERSTEIN, M. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. **Language and Communication**, [s. l.], v. 23, p. 193–229, 2003.

VIANA, R. B. de M. **Uma fotografia variacionista dos verbos existenciais haver/existir/ter no português oral culto de Fortaleza-CE**. 2018. 243 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

VIANA, R. B. M. **Uma variação linguística no português d'além mar: produção, percepção e atitudes sobre os verbos existenciais no falar culto de Funchal e Fortaleza**. 2023. 434 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2023.

VIANNA, J. B. de S. **Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedades do português**. 2011. 235 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

VIEIRA, S. R.; BAZENGA, A. M. P. F. Patterns of third person plural verbal agreement. **Journal of Portuguese Linguistics**, [s. l.], v. 12, n. 2, p. 7–50, 2013.

WEINREICH, U. Is a structural dialectology possible? **Word**, [s. l.], v. 10, n. 3, p. 388–400, 1954.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da Mudança Linguística**. tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MACÊDO, Raket Beserra de; ARAÚJO, Aluíza Alves de; BAZENGA, Aline Maria Pinguinha França. Avaliação linguística de verbos existenciais por funchalenses cultos a partir de árvore de distâncias mínimas. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 16, e97267, 2026. DOI: 10.36517/ep16.97267.